



AS CONSOLAÇÕES

AS
CONSOLAÇÕES

POR

Joanna de Coronha

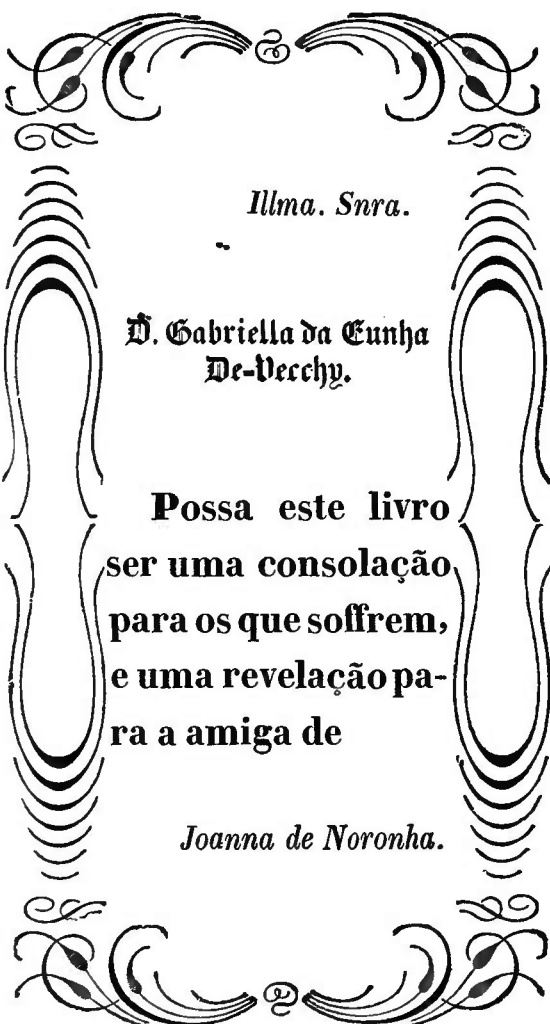


Rio de Janeiro.



EMP. TYP. DOUS DE DEZEMBRO DE PAULA BRITO,
Impressor da Casa Imperial.

—
1856.



Illma. Snra.

**D. Gabriella da Cunha
De-Decchy.**

**Possa este livro
ser uma consolação
para os que soffrem,
e uma revelação pa-
ra a amiga de**

Joanna de Noronha.

ESTE LIVRO

Se eu pudesse reanimar uma esperança, robustecer uma coragem que vacilla, fortificar uma consciencia perturbada, consolar, pacificar um coração doente, julgaria que estas humildes paginas não eram inteiramente perdidas.

JULES SIMON.

Vou escrever estas paginas com os olhos fitos em Deos, e a mão sobre a consciencia, convencida que a manifestação das verdades, que penetram no espirito humano, é uma divida sagrada para com a humanidade.

Corações desanimados e doentes, almas fracas ou descritas, acceitai este livro, porque a mão que o escreve pertence a uma creatura que vacillou mais de uma vez, nas trevas do scepticismo, que se abandonou á vehemencia insensata das dores humanas e que só chegou ao conhecimento da verdade apoz longa e dolorosa provança, apoz acerba e rude péregrinação!

AS CONSOLAÇÕES



I.

Um dia em que a decepção me arrebatára uma das mais doces esperanças de minha vida; sentido-me só, vendo desaparecer do horizonte a estrella candida, que por um momento tinha illuminado as trevas e guiado os meus passos em direcção a um Templo, que só abre as suas portas ás almas escolhidas, eu lancei um olhar em torno e abri um livro que ao acaso se achara ao alcance de minha mão. Esse livro intitulava-se — a Religião Natural — por Jules Simon.

O resultado de sua leitura foi a inspiração de escrever — As Consolações.— Teria podido traduzir o livro de Jules Simon; mas Jules Simon escreveu para os philosophos, para os literatos, para

os pensadores, e eu pelo contrario escrevo o meu livro para os que soffrem e luctam em silencio, ou para melhor dizer, para aquelles que desherdados no mundo não tem para consolar-se nem a illustração do espirito, nem os conhecimentos sciêntificos. Jules Simon é o expositor de uma doutrina, e eu só aspiro a verter algumas palavras de consolo nos corações feridos, inspirando-lhes a seguridade de que algum dia as suas lagrimas serão contadas, e as suas dores premiadas.

II.

A base unica, segura e possivel de toda a Consolação, é o amor de Deos, a crença na Providencia e a persuasão firme de que a vida não é mais do que a prova transitoria com que conquistamos a ventura eterna na immortalidade de nossa alma.

E' preciso não ter vivido, é preciso não saber o que é a vida, para collocar a nossa esperança nos amores da terra.

O coração não é senão um navio de-

sarvorado, perdido no mar tempestuoso das paixões. quando lhe falta o fême da religião, quando navega sem rumo e não tem por norte—Deos.

O amor, a amizade, a gloria, a riqueza, que são na vida do sentimento senão romances pueris, jogados na arena movediça da inconstancia, mudando de actores e de decorações?

E é nessas luctas infructuosas que gastamos a vida, a mocidade, a fé, as lagrimas! é nessas luctas estereis que mal-gastamos todos os thesouros de ternura com que Deos dotou o nosso coração.

Comtudo, todas essas amarguras que envenenam a nossa alegria, que produzem a dor e as lagrimas, são talvez os meios desconhecidos com que se insinúa Deos na nossa alma.

E' verdade: tudo é maravilhoso na ordem mysteriosa do equilibrio universal e da ordem social, desde a organização admiravel dos tecidos das fibras da haste, que sustenta a corolla da flor, até essas transições febricitantes do drama arcano das paixões humanas,

limites impalpaveis separam os segundos, os minutos, as horas, os dias, os mezes, os annos, os seculos. No jogo de xadrez da vida, o homem, a humanidade em peso são os peões intelligentes movidos pela mão Omnipotente, que faz cumprir no arcano do *eu* impenetavel as revoluções parciaes, e na phisionomia dos povos as grandes revoluções sociaes, que constituem o romance da vida e a historiá das gerações.

A conquista da verdade é difficil, mas não é impossivel.

E' difficil, porque o coração é fragil, por que impellidos pelas paixões, desouvimos a razão e nos divorciamos da consciencia, encaramos o cumprimento do dever como um sacrificio superior ás nossas forças e transigimos com a justiça, fazendo os mais estranhos amalgamas e esperando que da vergonha, da infamia e da deshonra nos venha talvez a felicidade!

A felicidade! esse sonho doirado que todos acariciam sem definir... porque ella mesmo em si não tem definição!.. E quando exaustos de força, despeda-

çados e feridos cahimos ás portas da desesperação exclamando:—« Oh! não existe a felicidade sobre a terra, meu Deos!»

Essa ultima palavra, essa invocação escripta tão profundamente em nossa alma, que se mistura a todas as alegrias, como a todas as dores, essa palavra — Deos! não nos fará levantar a cabeça e olhar essa abobada tranquilla chamada —espaço—firmamento—immensidade, essa imagem eloquente e serena do repouso e da immortalidade?

E quando descritos da felicidade dos homens, Deos se offerece aos nossos olhos, havemos de fechar os olhos e levantarmo-nos cambaleando para continuar a lucta obstinada e material das paixões?

A vida é um livro que cada creatura escreve segundo as forças com que conta; feliz daquelle que não espera chegar á ultima pagina para escrever nella— Deos e o meu Dever.—

Estas duas palavras encerram em si todas as consolações, todas as esperanças além da terra. São a base do edificio

da consciencia; ellas preenchem para quem as comprehende o vacuo tenebroso da viuvez d'alma desherdada dos gozos mais legitimos e innocentes, fecha o abysmo onde se despenha a virtude e conforta a vida com essa resignação serena que nos torna superiores á injustiça e á ingratição!

III.

Quão poucos corações escapam, são e salvos, da batalha da vida! E comtudo é indubitavel, que se encontram como typos perdidos no tropel da humanidade, essas existencias tranquillias, justas, desconhecidas, que viveram no seio de Deos, orando e trabalhando, cuja esperança não ultrapassou o limite do lar domestico.

Não queremos fallar d'uma perfectibilidade ideal, d'um idyllio impossivel; isso não seria um esboço da vida, seria uma poesia.—A dor e as lagrimas são as companheiras inseparaveis do homem desde que vem ao mundo, por isso ninguem se exceptua d'essa lei immu-

tavel, como todas as leis que regem o mundo; mas nessa partilha universal da humanidade, cada cousa tem o seu lugar, cada mal a sua compensação, cada erro a sua penitência.

A herança está em massa, cada qual tira a porção que quer de mal e de bem.

Como n'um campo de sementeira os melhores trabalhadores aproveitam o tempo e ganham mais salario, que os preguiçosos.

A fatalidade da sorte, a injustiça do fado, são obras nossas e de maneira alguma devemos attribuil-as á Deos.

Acaso não temos na razão uma amiga intelligente, que nos mostra o perigo? Não temos na consciencia uma mãe austera, que reprova com toda a eloquencia da virtude os máos instinctos, as paixões desordenadas, as acções baixas ou injustas? E não temos além d'isso tudo a vontade, instrumento irresistivel da conquista do bem, como da conquista do mal; porque as noções de ambas existem em nós, distinctas, diversas e completas?

Por isso, não é a excepção da dor a

que imprime a serenidade a certas existencias e a certas physionomias; é simplesmente o socego da consciencia, o sentimento religioso, e a satisfação do cumprimento do dever.

Ha acontecimentos independentes da vontade dos homens, que imprimem um caracter benevolo ou fatal aos acontecimentos materiaes da vida; é uma verdade: porém esses acontecimentos fataes, que reagem sobre as nossas affeições, e os nossos interesses, perturbam só a superficie, a epiderme do coração, como essas brisas passageiras, que agitam a superficie das ondas sem perturbar ou desafiar o furor do oceano.

A calumnia, que denigre e vomita seu veneno na reputação do justo, jámais poderá causar-lhe a dor vehemente e profunda mas causa uma hora de remorsos no seio do criminoso.

O que são, meu Deos, todos os bens transitorios neste mundo? as suas esperanças fugazes, as suas alegrias incompletas, as suas affeições trahidas, repudiadas, incomprehendidas?

Tribulações passageiras; ancias que o

curso do tempo muda em indiferença ou acontecimentos imprevistos em benefícios!—é loucura chorar quando a hora que vai bater, semelhante ao apito do contra-regra, muda a scena e as decorações da comedia humana!

Triste fragilidade a nossa, que até os espiritos convencidos destas verdades, são os que mais soffrem nesse jogo impetuoso de interesses e de affeições oppostas!

Quem sabe se a propria autora das —Consolações— não buscou um refugio contra as proprias dores, intentando consolar as alheias!

IV.

Cada passo, que avançamos na vida, marca uma decepção.

O coração se consola; novas esperanças o embalam, novas chimeras o affagam e novas decepções o aguardam.

Se lançarmos um olhar em torno de nós, mais de um rosto triste e amargurado, mais de um gemido abafado, mais de uma lagrima furtiva hão de revelar-

nos um drama ignorado, uma lucta obstinada e terrivel. As almas concentradas e observadoras encontram todos os dias, a cada passo, estes perfiz que passam no mundo desapercebidos.

E com que direito, quando o soffrimento é a herança da humanidade, nos revoltamos aos primeiros amargos da dôr?

Ah! os delirios febricitantes do amor, que abalam até a ultima fibra de nossa alma, são flores de rico aroma que uma vez desbotadas e murchas, a onda impetuosa do tempo arroja ao abysmo do esquecimento!

A ambição, a gloria são fantasmas da mocidade!

A amizade, essa triste peregrina, essa irmã de Caridade, que vae bater á porta do soffrimento para compartilhar dores e lagrimas, a amizade, essa inspiração dos corações nobres, clementes como o proprio Deos, tambem vacilla ás vezes no dia da prova e, como a leve folha indefesa d'um arbusto, é arrebatada pelo furacão das paixões, e, perdida na noite da ingratição, vae, como o ultimo ge-

mido do moribundo, apagar-se no silencio profundo do tumulo, que devora tudo quanto é terrestre.

Tudo passa; tudo muda, tudo é transitorio e fugaz... assim chegamos á ultima scena da tragedia! Abre-se a tumba, ergue-se o tumulo, a noite serena da morte desdobra seu manto azulado, e dormimos no seu seio o somno da Eternidade!..

Porém além da vida está a immortalidade, do outro lado do tumulo está Deos...

Pae misericordioso, elle nos estende os braços dizendo « Bem vinda sejas, alma que soffreste com resignação! Bem vinda sejas, pobre peregrina! Depõe a tua cruz—Bemaventurados os que soffrem, porque elles serão chamados filhos de Deos! »

E o amor de Deos é immenso, immutavel, eterno! Elle dá forças com que supportar a dôr; consola a desgraça, reanima a esperança, sustenta as nobres luctas da virtude, e, como uma estrella serena, brilha atravez das nuvens da tormenta no horisonte do futuro, indi-

cando-nos o porto que termina a rude navegação da vida!

Oh meu Deus! quanto és bom e misericordioso! Providência, eu te venero, eu espero! tu nunca me abandonaste, e após longo e doloroso martyrio, encontro-me forte de minha consciencia e de minhas crenças!

A voz das paixões humanas, semelhante ao écho longinquo da trovoadade que se dissipa retine ainda de tempos a tempos em meu coração! A hora do silencio não está longe neste coração que se offereceu ao mundo, capaz de todas as devoções sublimes, de todas as dedicações supremas, de todas as inspirações nobres, e que o mundo regeitou, despedaçou e cravou na cruz do martyrio... É este coração voltou-se a Deus... e Deus o aceitou! porque sinto descer sobre elle essa tristeza serena, crepusculo luminoso da resignação!

Combati, como os mais fortes, na lucta perdi tudo, menos a crença!

Ha dous anjos que conduzo pela mão, meu Deus! vela sobre elles, porque são teus. Cumpro o meu degredo, meu

corpo ficou na terra, minha alma voou
ao céo!

V

Alguns minutos de Eternidade bastam para imprimir no resto d'um cadaver, esse character augusto d'uma placidez que de certo não existe na terra. A morte immobilisa a dor, a angustia, os spasmos da agonia.

O fragil involucro á que se chama corpo humano, está ahí envolvido pelo sudario, estendido no negro e ultimo leito!

O riso, o pranto, tudo estancou n'aquelles labios!

Paixões mesquinhas, nobres sentimentos, tudo emmudeceu.

A alma, que animara esse corpo, se desprendeo da terra. . . Deos a recebeo no seu seio, e no seio de Deos todo o soffrimento desaparece, toda a dor se extingue, toda a ira se apaga, todo o pranto se estanca!

Filhos repudiados do mundo, Pariás da terra, Deos vos chama!

Deixai o avarento accumular riquezas,

mesmo á custa das lagrimas alheias. . .
Deixai aquelles para quem os senti-
mentos não passam de palavras; que
nunca luctaram, que não sabem o valor
d'um sacrificio; deixai-os adormecer a
consciencia com sophismas brilhantes;
deixai-os abandonar a crença pelo scep-
ticismo; deixai-os entregues ao cynismo
do vicio. . . Na hora suprema da agonia
elles voltarão os olhos com terror para
essa Eternidade que os aguarda, para
esse Deos, que desprezaram, e frente á
frente com a morte, elles cahirão aos
pés da cruz exclamando: — Perdão, mi-
sericordia, meu Deos!

E Deos perdoará!

Deos não se vingal Deos não amaldiçoa.

As magoas imaginarias, as paixões
rachiticas dos homens não chegam até
Deos.

Até Deos só remonta o pensamento
livre de impureza e de maldade!

Só remonta o heroismo do sacrificio!

Tudo quanto ha em nosso ser, de
bom, de bello, de nobre e de justo, por
que todas estas faiscas divinas que com-

põem a alma humana, aspiram ao seu eterno centro de attracção, a Deos!

VI.

Ha no coração humano duas especeis de dor. Uma legitima, sagrada, respeitavel, santa, que purifica nossa alma, e dando-nos a côroa do martyrio, dá-nos tambem a fê da compensação, que deve seguir-se naturalmente ao soffrimento, como a luz succede ás trevas, como a calma á tempestade, como o allivio á dor, como o repouso á fadiga.

Esta dor, á que pode chamar-se tarefa dos escolhidos de Deos, magôa o coração sem aviltal-o, robustece a fé, e illumina a fronte do martyr com esse suave reflexo da resignação e da paz d'uma consciencia pura que nos repete em meio dos maiores padecimentos— coragem; não mereces a tua sorte; Deos o sabe e Deos te remunerará da tua pena!

Não é uma dor legitima a da mulher que esperando ser mãe a cada momento, não tem para seu filhinho que vae nas-

cer nem sequer um pedaço de panno para vestil-o?

Não é dor legitima a do escravo, condemnado como um animal a um trabalho forçado, desherdado de todas as affeições de familia, de todos os nobres sentimentos do coração, desherdado do repouso, e da liberdade, que Deos lhe doou, desherdado de todos os bens da terra?

O pai, que lucha e trabalha para sustentar uma numerosa familia; o homem de genio, que se sacrifica pela humanidade, que leva o tributo do trabalho, do pranto, e da dedicação á liberdade e ao bem-estar dos seus Irmãos, o desanimo, a decepção, a dor dessas nobres intelligencias, d'esses corações magnanimos é tambem uma dor legitima.

As dores ficticias são as que dimanam da lucha encarniçada da desordem das paixões, que se insubordinam á voz da razão e aos protestos eloquentes da consciencia.

Essas dores, gastam a vida, enfraquecem a fé, impellem-nos ao crime, e fazendo-nos a traição todos os deveres,

longe de purificar-nos, aviltam-nos; são um martyrio sem compensação, cujo unico futuro é o desprezo dos justos, o arrependimento tardio, a expiação amarga, o remorso pungente!

O remorso, esse fogo purificador, essa agua de absolvição, que lava a nodoa da falta.

E haverá ainda quem duvide de Deos? Quem se julgue abandonado como um filho espurio na roda da humanidade!

Quando a razão não serve de freio, quando a cegueira desafia a consciencia: por ventura não temos ainda o remorso e a penitencia para reconciliar-nos com Deos, e a vontade do arrependimento para reparar o mal que fizemos e voltar sobre o caminho andado?

Então esse Deos a quem devemos tudo, cujo amor e cuja misericordia não nos abandonam um instante sobre a terra, não merece um só dos nossos pensamentos?

VII.

Encaremos a vida: o que é ella em

si? — uma viagem através da terra, — longa ou curta, serena ou agitada.

A dôr e o trabalho são seu apanagio universal.

A instabilidade das situações é a mesma para o bem e para o mal.

Logo, sendo tudo instável na vida, não devemos concentrar a força da sensibilidade nem na fruição do prazer, nem na tortura da dôr; em ambos os casos devemos reservar-nos a liberdade de dominar a situação.

E' o que raramente se consegue.

Depende de muitas cousas.—A organização, a educação, a época da vida em que os acontecimentos se passam, a maior ou menor energia do sentimento, o imperio que exerce a razão sobre a sensibilidade, e o lugar que a consciencia occupa nas nossas acções e nas nossas determinações.

O navegante, que vai fazer uma travessia, prepára-se para ella; apparelha o seu navio como para luctar contra o furor dos ventos e contra a impetuosidade das ondas; faz provisão de velame, de cordas, e de toda qualidade de abas-

tecimento, porque sabe que vai lançar-se sobre um fragil pedaço de madeira no immenso deserto do oceano e que só, dentro de sua nave, vai em procura de longinquas praias. Uma vez affastado da terra, o marujo aprôa o seu navio, estende seus mappas, consulta o curso dos astros e, graças á sciencia e á agulha, apoz dias de calma e de tormenta, chega ao porto.

Outros menos felizes luctam tambem, porem succumbem; succumbem por impericia, por desleixo, por excessiva affoiteza ou emfim porque a nave era muito fragil e a borrasca tão desfeita que subjugou a vontade dos homens.

porque as vezes ha uma razão providencial, que permite a perda de uns para ensinos dos outros.

Tenho passado em meio dos mares muitas horas solitarias de minha vida e esta comparação, que hoje trago a estas paginas, não é nova no meu espirito.

A vida é tambem uma viagem atravez da terra, porem o seu verdadeiro symbolo é um navio no meio do oceano.

Esse oceano é a vida — o navio é o

homem, que segue a viagem, cujo porto é a Eternidade.

E, convencidos d'esta verdade, tão palpavel, tão exacta, porque não imitaremos o previdente marujo?

Porque não faremos essa provisão de velame, de cordas e de alimentos?

Por ventura a coragem, que lucha, a paciencia, que supporta, a fé, que sustenta, não estão symbolisadas nos aprestos do navegante?

Elle aproa seu navio e busca o rumo, luctando contra o vento contrario ou aproveitando o bom: o porto que procura chama-se Londres ou Alger; o porto da humanidade chama-se Deos. O marujo consulta o curso indifferente dos astros. Seja Deos a estrella indifferente que sirva de pharol á humanidade na sua peregrinação da vida:

Não peço aos corações doentes a alegria ruidosa dos espiritos irreflexivos; a vida é seria e, quando a prova seja menos rude para uns que para outros, o padecer dos nossos irmãos não deve ser-nos indifferente, porque isso seria o egoismo, e de todas as deformidades

moraes não póde haver uma mais repugnante que a dureza de coração.

Não é nosso thema embotar a sensibilidade, mas sim encaminhal-a a um fim mais nobre e mais elevado do que essas luctas pueris dos que revoltando-se contra uma vida já feita, aspiram á uma consolação impossivel, por isso que a fazem depender de affeições illegaes e terrestres.

A senda do dever é estreita, o espirito da justiça é recto, severo, logico, mais do que tudo isso, — é mathematico.

Poderemos enganar ao mundo, mas a Deus —nunca!

Poderemos pactuar com o dever; o retorno será terrivel, a punição será certa; e essa consolação, que buscáramos, será pelo contrario nesse mais terrivel flagello longe de pacificar o coração, exitará nelle novas torturas, porque a desgraça acrescentará a culpa e então serão dous tormentos em lugar de um.

Navegantes da vida, não deixemos esmorecer a coragem, não percamos a paciencia, não abjuremos a fé e com a alma tranquilla estejamos promptos a

comparecer perante Deos, para depor aos pés do seu Throno Omnipotente a corôa de espinhos, gotejando sangue e então dizer-lhe — Meu Deos, bebi até a ultima gota do calice da amargura; carreguei só a minha cruz; perdão pelas minhas culpas, perdão para os meus algozes!

VIII.

Quando, pondo a mão sobre a consciencia, sentimos a doce persuasão de não ter merecido as nossas magoas: como é pequeno então tudo quanto nos rodêa! Como é mesquinha a lucta rasteira que os interesses encontrados da vida levantam em torno de nós!

Erguer a cabeça, contemplar do alto da nossa coragem, do nosso heroismo, essa batalha encarniçada onde a maldade, a ingratição, a injustiça campeam em detrimento dos bons, e esperar com serenidade o dia da justiça; eis o verdadeiro fito d'uma alma nobre!

O soffrimento, sempre; a infamia, nunca!

Porém, como robustecer a coragem e

a fé d'essas almas prostradas, d'esses corações feridos de morte, e dos quaes parece haver-se retirado a mão do Altissimo?

Coração humano: o que és tu ?

A intelligencia avassallou os mares, conquistou por meio da industria portentos extraordinario — tudo se estuda, tudo se explica, o mundo real e o mundo metaphysico.

E o coração humano, quem o decifra? insondavel abysmo, que debaixo da mascara á que se chama rosto, nos illude com o phraseado mais brilhante, quando a mór parte das vezes a verdade fica entre Deos e a creatura!

Eu impenetravel, onde nem o instincto providencial d'uma mãi póde ás vezes descer para sondar uma ferida, ou verter um consolo!

Quando procuramos excitar o amor de Deos, a consciencia do dever: quem nos assevera que as nossas palavras não passam, como as notas d'uma canção errante que o vento da noute leva ao longe, semelhante a um queixume vago?.

Será isto exacto? A voz alterada das paixões que se revoltam contra a razão, abafará ainda que instantaneamente a voz de Deos, que nos falla no fundo d'alma, no silencio do intimo do nosso ser?

Ah! impossivel! O delirio passageiro d'algumas horas de febre não póde annullar essa tendencia sublime que nos impelle á Deos!

Tarde ou cedo essa voz poderosa abafada um momento na lucta hade erguer-se mais imperiosa e soberana, quanto maior haja sido a resistencia que a nossa tenacidade lhe oppoz!

Só o scepticismo póde duvidar d'essa hora solemne que bate para cada creatura : os que edificam castellos na area movediça do sofisma, os que desconhecem a ordem admiravel que governa o *todo* da creação, os que negam a justiça, proclamam o erro em vez do dever e escarnecem da virtude collocando-a no rol dos preconceitos do espirito.

Embora duvidem; nós acreditaremos sempre, porque a crença é uma necessidade moral sem a qual toda a virtude

é impossível, todo o sacrificio impraticavel, todo o dever um absurdo.

Sem a crença d'um Deos, que nos ama; d'uma Providencia, que nos governa, e d'um fim para onde se encaminha a humanidade; não é possível marchar na vida.

A crença é a luz, que illumina as trevas, é o refugio dos fracos, é a divisa dos fortes.

E' o alicerce da consciencia, da virtude e da dignidade.

Abjurar a crença é renegar á face de Deos tudo quanto ha de bello, de puro e de santo sobre a terra; é renegar de si proprio, é quebrar o laço que a nós, átomos mesquinhos, nos liga ao Céu!

IX.

E' loucura querer regenerar o mundo; loucura a pertença de corrigir os máos instinctos, os vícios secretos, as vistas depravadas, forjadas no impenetravel arcano de cada coração!

Loucura!

Porém o dever estricto do philosopho,

do moralista, e do poeta, é lançar sobre a terra a generosa semente de sua intelligencia, emmudecer os ais convulsos de sua alma dolorida, e arrancando as paginas do livro do seu coração lançal-as á multidão!

Se a traição é a paga d'um amor verdadeiro, se a ingratitude é a remuneração d'uma nobre e intelligente amizade, se o esquecimento ou o odio são as recompensas d'um beneficio, a injustiça e o sarcasmo a coroa do genio; não importa!

As almas fortes não carecem de compensação; como os raios brilhantes da luz, como o calor vivificante do sol, as almas escolhidas derramam até nos corações mais endurecidos esses thesouros de amor e de ternura que constituem uma devoção inqualificavel perante o egoismo humano, que individualiza e perverte as idéas mais elevadas.

Não importa!

Ha na vida uma voz mais forte que esse vago murmurio do mundo; essa voz é a do dever — o dever, que regula as nossas accções, que nos sustemta no dia

da prova e que nos marca a senda ás vezes difficil que temos de atravessar na sociedade.

Sustentada, inspirada por essa voz, continuarei a tarefa que me impuz a mim mesma; e Deos me releve estes instantes de desanimo, em que a penna me cahe da mão, em que um suspiro involuntario escapa ao coração dolorido e, não achando ao meu lado um apoio, ou um consolo, páro no meu caminho, com as forças exhaustas, como o viajante cançado apoz uma longa e perigosa viagem.

Em pé! eia; eis o bordão do peregrino, vai. Se não achares nem na tua intelligencia, nem no teu instincto maravilhoso de mulher essas consolações supremas que nos entornam no coração a paz e a serenidade da resignação; pelo menos paga a tua divida para com os teus irmãos, dá o ensino do exemplo, lição eloquente, sacrificio ignorado cujas luctas secretas só se patenteiam a Deos!

O exemplo! a mais sublime das devoções, a mais custosa de todas as virtudes, o mais difficil de todos os en-

sinos, o mais raro de todos os heroísmos, porque se cumpre no silencio, no limite estreito da familia, sem que tenha por attributos, nem o enthusiasmo nem a gloria, e cuja unica recompensa é a satisfação intima de preencher um dever.

X.

Um longo olhar lançado sobre o quadro das miserias da humanidade, póde ás vezes pacificar um coração ulcerado e reanimar a coragem abatida; como a brisa suave da tarde melhora o pobre enfermo que, com a avidez da vida que lhe foge, vai pedir ao bom Deos algumas refegas de ar puro com que renovar o sangue dos seus pulmões resequidos!

Nunca se é completamente infeliz quando se póde contemplar ao ar livre o céo, as montanhas, as flores, as arvores, o mar, os rochedos, todas as riquezas que com mão tão prodiga e misericordiosa derramou Deos na creação.

A comparação dos alheios e dos proprios males, traz quasi sempre uma *refega* de consolação.

Por endurecida que esteja a consciencia, por escurecida que esteja a razão, não podemos negar a evidencia de outros males mais acerbos do que aquelles de que nos lamentamos: e talvez a reflexão, que nos leva diante de cada um d'esses quadros de dôr, nos dê duas lições por uma vez.

A convicção de um soffrimento maior do que o nosso, é o exemplo de uma resignação que nos falta.

O mendigo que se acalenta aos raios do sol, comendo o pão que a caridade lhe deu por esmola, é ainda mais feliz em sua miseria, do que o criminoso encerrado n'essa tumba vivente á que se chama prisão, mais feliz que o doente prostrado no *leito* d'um hospital, tendo por unicas consolações a voz dura ou indifferente do enfermeiro, que com mão mercenaria lhe offerece o remedio e o espectaculo fatidico dos que gemem e morrem em torno d'elle!

Ah! para esses, a unica esperança é Deos, o unico consolo é Deos, o pai, o amigo dos desherdados d'este mundo!

Logo, nas circumstancias supremas da

vida, é a Deos que o coração torturado selevanta, é Deos que invoca e é de Deos que espera o sustento, a liberdade ou o allivio?

E que responder perante lição tão eloquente?

Se chegando-nos ao mendigo lhe perguntássemos: —quem és tu, que vaes de porta em porta pedindo um pedaço de pão pelo amor de Deos?

E' quasi indubitavel que o mendigo nos responderia:—

Quem eu sou? oh! a minha vida é uma longa historia, que, se eu fosse roman-cista, poderia escrevel-a!

Eu fui rico, tive uma posição no mundo, tive uma familia, tive amigos, tive aduladores!

A sorte tinha-me repartido um bello papel na comedia humana, porém fui um máoactor, desleixei o estudo, o Pon-to cançou-se de gritar, e assobiado, apu-pado pela multidão, recolhi-me aos bas-tidores. Hoje aqui estou, solitario, esquecido, esmolando de porta em porta, dormindo sobre a pedra do adro do templo, vendo a multidão que passa

alegre ou indifferente e se agita em torno de mim!

Elles tem todos os bens da terra que eu já possuí — eu tenho Deos — o mundo tornou-se-me estranho. — Aqui estou aquecendo-me ao sol do bom Deos, que não regeita as orações do mendigo, nem as lagrimas do pobre!

Perguntai-lhe então se desde o primeiro dia em que a desgraça o visitou elle a recebeo com a mesma impassibilidade, e o mendigo responderá: — Eis o que eu desejaria poder descrever — as luctas, as amarguras, as desesperações que me torturaram a vida, até o dia em que offereci as minhas dores ao Altissimo e me reconciliei com migo mesmo . . .

E' o romance da vida! Quem não tem um?! Vinde comigo bater á porta do calabouço escuro e frio, onde o condemnado chora lagrimas amargas de expiação, ou rangendo os dentes, arquejando de ira, livido e sombrio espera o dia em que possa retribuir aos homens todas as amarguras, que a desesperação lhe agglomera no fundo d'alma . . .

Arrependido ou iracundo, menos feliz que o mendigo, não pode contemplar o Céu, aquecer-se ao sol e ouvir a matinal dos alegres passarinhos que voam de galho em galho, de arbusto em arbusto, de flor em flor! Não pôde contemplar esse firmamento azulado, aspirar o ar puro que circula nos ambitos do universo. . . não pode receber a consolação d'um irmão, o beijo d'uma esposa. . . as caricias dos filhos. é também dos desherdados!

Sentae-vos a seu lado, perguntae-lhe: quem és tu, que encerrado nestas negras paredes, vestes o cilicio da penitencia social? E elle vos responderá:—

Eu entrei na vida pela vereda florida da infancia — dormi o somno feliz da innocencia no seio de minha mae, embalado pelo seu meigo canto e pelos seus beijos!

Homem luctei contra as paixões porém a razão e a consciencia succumbiram; as paixões triumpharam!.. Venci-da a leida consciencia, que é a lei divina, desafiei as leis sociaes, e eis-me aqui!

Imprimiram-me na fronte o ferrete

da infamia; riscaram-me da lista dos vivos! Que drama sombrio foi o de minha vida!

Todos esqueceram-se de mim—Murmurai então uma palavra no ouvido do criminoso: —

Deos!

Talvez lance um rugido de colera, porém, só, na sua desgraça, um raio de luz virá acariciar seu rosto magro e pallido e então os musculos de sua physionomia contrahidos darão lugar á explosão do pranto longo tempo contido e transbordando d'essa alma endurecida e isolada!

E' noite; a multidão afflue aos theatros; no dourado salão do rico outra multidão dourada e ruidosa canta, ri, bebe, e dança. .

Vinde—Eis ahi o hospital, entremos.

Deixai o mundo que passa, que se agita, vinde ao leito do doente.

Nesse vasto salão ha tambem multidão — porém pallida, desbotada, dolorida! Aqui não se dança, soffre-se! Aqui não se ri, ora-se.

Chegai-vos a esse leito — fallai:—

— Quem és tu, que gemes solitario no leito, que a caridade offerece á dôr na indigencia?

E o doente erguendo a fronte livida responder-vos-ha:

— Fui uma creatura que soffreo muito na vida! a Eternidade, cujas portas vão abrir-se para mim, dá-me de ante-mão a paz do tumulo que se ergue aos pés d'este leito. —

Soffri, choreil.. na ultima scena do drama de minha vida a caridade me estendeo os braços, tive fé em Deos, orei!

Os desvarios humanos aqui me trouxeram — solitario e esquecido dos vivos, morro consolado; tenho meu pai, que está no Céu — e esse misero doente erguerá os olhos, sorrirá meigamente, e dobrando a cabeça sobre o seio, murmurará as preces d'agonia, e como a ultima nota do canto, murmurará — Deos!

Eil-o na Eternidade!

XI.

A idéa de Deos, é abstracta, ou con-

fusa; depende do dogma religioso que a ensina — é simples, facil e grandiosa quando tem por base a virtude, a caridade, o amor da familia e a consciencia.

Ha um elemento poderoso, que é o auxiliar d'essa idéa e que a insinua no coração do mênino, a fortifica no coração do moço e domina mais tarde no coração do homem — Esse poderoso auxiliar de que fallamos é a poesia dos costumes, da familia, é a poesia das tradições.

Atravessai com o pensamento a distancia que nos separa d'esses povos onde o materialismo do nosso seculo não apagou de todo as tintas suaves da poesia santa do lar domestico.

Ide longe do barulho atordoador das cidades, bater á modesta porta da branca casinhola perdida na extremidade d'alguma das pittorescas aldéas da Nova Inglaterra, á larga portada d'alguma granja no *limiar do bosque*.

Estudai essa vida domestica tão regular como o machinismo d'um relogio, onde as horas estão divididas entre o

trabalho e a oração, entre a caridade e a leitura.

Ide á noite, quando o veo tenebroso da escuridão envolve o Céu e a terra. o mar e as montanhas; entrai nessa casa limpa, serena, cuja apparencia denuncia os costumes regulares e puros dos seus moradores.

Esse falimia reunida em redor da mesa de labor, esse ancião que preside como um patriarcha essa modesta reunião, essas mulheres trabalhando e sorrindo á essas crianças risonhas, que rolão sobre o tapete, não dizem nada ao coração?

Essa familia que antes de recolher-se para repousar das fadigas diurnas, vae ajoelhar-se diante da imagem de Christo, e entôa unisona a prece de gratidão pelos beneficios recebidos, essa familia não é o symbolo da paz, e não encerra no recinto ignorado de sua existencia tranquilla, os unicos bens, e os mais preciosos gozos que podem fruir-se na terra?

A prece na nossa sociedade moderna

onde domina a descrença, a **prece** é apenas um nome vazio de sentido!

Os menos scepticos, remedam orar, lendo um montão de palavras que pronunciam machinalmente — chama-se a isso — resar!

E, comtudo a **prece**, pelo que ella é em si, pode bem chamar-se a sentinella fiel da consciencia.

Se a considerassemos como uma confidente a quem antes de pousar a cabeça no travesseiro, somos obrigados a confiar as nossas acções do dia; talvez seria ella o freio que se opporia com mais efficacia á leviandade ou á maldade; por que é raro que uma alma agitada, em lucta com a razão, e com a consciencia se lembre de orar. Mas se o habito de orar existe, e se a **prece** é a confissão reflectida das acções de cada dia, a consciencia triumphá forçosamente e a serenidade succede á lucta.

Nós diríamos aos corações doentes — orai —

Pedi a Deos cada dia — coragem, paciencia, resignação!

A' noite, reflecti: lêde diante de Deos,

no íntimo do vosso pensamento a página diurna de vossa vida, e offerecei aos pés do Altissimo as dores, as luctas, os sacrificios que se tiverem cumprido no segredo da consciencia — E' bello dizer, — soffro! mas estou pura, meu Deos!

Quem pode assim fallar diante de Deos, não é infeliz.

Quem lava a culpa pela expiação, ainda pode estimar-se a si mesmo.

E' bello dizer — ainda não cahi — é sublime dizer — cahi, mas levantei-me.

Para as almas escolhidas o martyrio tem a sua embriaguez, dolorosa e atractiva, que emmudece o instincto da conservação e nos impelle a resoluções heroicas.

Loucos sublimes, que no Paraiso chamam-se Santos!

XII.

A' medida que a penna corre sobre o papel, receiamos não nos ter elevado á altura da missão que almejávamos.

O tumulto das paixões humanas levanta um éco semelhante ao do trovão; para o dominar seria necessária a voz do Archanjo que impuzesse silencio á multidão. quem sabe! talvez estas paginas perdidas, escritas no recanto escuro de minha isolada existência, sejam varridas pelo vento do indifferentismo, como as folhas seccas e amarelladas do Outono pelas brisas nocturnas que denunciam o inverno.

E que importa?

Lembrada ou esquecida, nem por isso deixarei de proseguir o meu caminho com passo firme.

Que importa?

O sol derrama seus thesouros de luz pelos ambitos do universo, e vigora com seu calor vivificante, os homens e as plantas, os passaros do bosque e os peixes que estão no fundo do oceano.

A planta offerece o aroma de suas flores, a arvore seus frutos refrigerantes. collocados no caminho do homem a sua offrenda é espontanea, porque para isso foram formados... E porque um temor pueril deixaria murchar no

esquecimento as flores odoríferas da intelligencia, os fructos sazonados da razão...

Os passaros cantam para Deos sem curar dos homens. talvez os ouve e suspira alguma alma dolorida que se consola contemplando as estrellas do firmamento, escutando a vaga que murmura o vento que agita de leve a folhagem e bebe uma inspiração nessa poesia mysteriosa, escripta na criação, com a avidez d'aquelles que sentem a nostalgia d'um mundo entrevisto nos seus sonhos.

E porque não haverá um coração que ache n'estas ignaras paginas o consolo, que não encontra na terra!

A alma do poeta encerra thesouros inexauriveis, pode arrojá-los ás mãos cheias ás plantas dos seus irmãos, e sentir-se ainda bastante rico para si e para os seus.

XIII.

A epigraphe do meu livro é o programma, que aspiro preencher.

Até aqui terei com effeito tido a feli-

cidade de desenvolver o pensamento sublime de Julio Simon?

Estas paginas escriptas no silencio das noutes onde meu coração se revela dolorido e doente, pedindo á Deos com a voz eloquente da dôr o consolo que lhe recusaram neste mundo: serão estas paginas tão felizes que vão com effeito suavisar alheios pezares?

Ah! é que é muito difficil emprenhender a cura d'uma alma doente ou descrida — alentar uma esperança moribunda, reanimar uma coragem extincta e tranquillizar uma consciencia não perturbada, porém sim avassalada e opprimida pelo jugo tyrannico d'alguma veheamente paixão.

E' o mesmo; intenta-se, sem responder pelo resultado.—

Disto, como de tudo o mais a que se aventura o homem, qual é o resultado?

O soffrimento aqui — a compensação no céo.

Semeai, intelligencias nobres; amai, corações generosos: é essa a vossa missão neste mundo!

Caminhai com a frente erguida, e

deixai que os espinhos embarquem a senda estreita que seguis; deixai que vos dilacerem os pés. —

Deixai que a ingratidão vos renegue, que a inveja vos calumnie e o indifferentiſmo sorria. Que importa?

Trabalhai para a humanidade, e para Deos.

XIV

As desigualdades sociaes, produzindo a differença de condição e de existencia, nos homens, nas humilhações que produzem, nas decepções que provocam desenvolvem dores e magoas no coração, de que o homem torna responsavel a Deos.—

E' mister grande cuidado nisto.

Ouvi o que diz Julio Simon:—

« Deos não fez, nem tyrannos, nem
« escravos, nem ricos, nem pobres, nem
« nobres, nem plebeos: não passam de
« invenções humanas, consequencia dos
« nossos vicios, usurpações consagradas
« com o nome de direito; e Deos não
« fez de igual maneira, nem avaros,
« nem assassinos, nem voluptuosos,

« nem perjuros. Creou-nos livres, mais
« inclinados á virtude do que ao vicio,
« com sufficiente intelligencia para re-
« sistir ao mundo e para modifical-o
« segundo as nossas necessidades; bas-
« tante numerosos para socorrermos-
« nos mutuamente; menos numerosos
« para achar pelo trabalho uma subsis-
« tencia segura nos bens da terra. Eis
« ahi o que é elle; o resto é nosso.
« Abençoem-o; queixemo-nos de nós
« mesmos.»

Da existencia de Deos ninguem duvida.

A liberdade do pensamento e do sentimento, são tambem factos irrecusaveis — a liberdade de acção póde ás vezes tornar-se dependente de circumstancias alheias á nossa vontade, que nos arrastem, ou pelo contrario reprimam a manifestação da resolução interior.

Nem por isso deixa de ficar assentado como base da doutrina, que desejamos desenvolver, que o homem é livre; e a prova irrecusavel de sua liberdade são as suas proprias acções em opposição directa com sua razão e sua consciencia.

Provado o facto da liberdade humana, a consequencia immediata e logica é, que a maior parte dos males de que nos queixamos são o resultado dos nossos vicios, a prova da nossa fraqueza ou da nossa tenacidade, e obra inteiramente nossa.

Marchar na vida em opposição directa aos conselhos da razão e aos protestos da consciencia, é tecer a propria desgraça e a dos entes que de nós dependem.

Marchar em opposição ás leis humanas, é buscar o opprobrio e o castigo.

Deos não pode ser nem partícipe nem responsavel das loucuras e dos desvarios humanos.

O scepticismo diz-se ás vezes até pela boca das crianças — Eu confesso a existencia de Deos — Não acredito na Providencia — O homem é um átomo perdido na creação — Deos não se occupa com o que se passa aqui na terra:

Cegos!

Porque não duvidais da existencia de Deos?

« E' porque a natureza, a sociedade e a consciencia vos fallam delle. »

« E' porque a sua lei está escripta com caracteres indeleveis no fundo de nossa alma. »

Não acreditaes na Providencia?

E por que evocaes a Deos nas horas de amargura, e em todas as crises da miseria e da desventura ?

E' porque ha uma voz arcana que se eleva espontanea do coração, evocando essa Providencia invisivel, esse consolo supremo, que a despeito do sofisma, é a ultima esperanza que nos alenta na desgraça, e que nos sorri além do tumulto !

O homem é um átomo na criação : embora o seja em relação á immensidade de Deos, é menos certo, por isso que ha leis universaes que conduzem a humanidade na sua peregrinação através dos seculos ?

Por ventura as leis sociaes não são escriptas no mesmo sentido generico ?

Dizem ellas respeito á um homem ou á sociedade em peso ?

E porque exigir de Deos o erro que não seria capaz de produzir o espirito estreito do homem ?

Pois não seria absurdo escrever um

Código penal para cada individuo em particular?

A lei de Deos está escripta na nossa razão, na nossa consciencia.

Os vicios são annexos á fragilidade humana, e são necesarios ao equilibrio da nossa propria constituição— sem vicios e sem virtudes, não haveriam luctas, sem erros, não haveriam castigos— tudo se encadeia na ordem mysteriosa da compensação, que fórma o equilibrio do mundo moral, cujas leis metaphysicas são tão exactas e sugeitas ao calculo como as leis physicas do mundo positivo.

Deos está connosco; seu amor é nosso; amando o que é justo, amamos a Deos; amar o bello, o bom, é amar a Deos. A esperanza é o resultado desse amor.

Não fallamos das esperanças chimericas dos devaneos do mundo... fallamos d'essa doce esperanza que refrigera o coração com uma promessa sublime de que não luctamos em vão, que uma recompensa será o premio dessa lucta. E isto é uma realidade; porque a lei de

Deos, immutavel como ella é, por isso mesmo é tambem infallivel.—Sim, que todas as desventuras agglomeradas sobre uma infeliz creatura, não poderiam roubar-lhe a convicção intima da serenidade d'alma, resultado positivo d'uma consciencia sem nodoa; assim como todas as riquezas e todos os louvores do mundo não poderão abafar jamais essa voz occulta, que nos accusa e nos turtura; quando face á face com a consciencia, não podemos evadir-nos ao seu testemunho irrecusavel.

Oh Esperança ! estrella luminosa do futuro! fada bemfazeja, que da propria instabilidade humana surges tão bella e serena como a lua despreendida dos vapores, que a obscureciam sulca pallida e meiga, as regiões ignaras do firmamento! . . . Esperança! Deos te doou ao coração afflicto, como uma consolação suprema; renegar-te é esbulhar-nos do bem celestial, que faz toleravel o infortunio; é condemnar-nos á desesperação perpetua neste mundo, e perder a nossa alma no outro!

XV.

Não trepidamos a confessar que este livro é escripto mais para as mulheres do que para os homens.

A vida social na sua lucta diurna, se não consola, distrahe a imaginação: o tumulto dos interesses materiaes embota a susceptibilidade do coração; o homem trabalha activamente e a conquista dos bens terrestres absorve a melhor porção do seu tempo e do seu pensamento.

A vida da mulher, pelo contrario, encadeiada ao lar domestico, passa n'esse recinto silencioso, deixando que a sensibilidade exerça uma influencia directa e immediata sobre a intelligencia e sobre o coração.

E' principalmente na nossa sociedade, onde a mulher desherdada completamente dos attributos da intelligencia está reduzida a um circulo excessivamente limitado, que ella necessita mais efficaçmente das consolações da esperança, da força da coragem, da susceptibilidade da consciencia e da intelligen-

cia do dever, para marchar pela senda solitaria onde a encerrou o preconceito.

O amor, causa primitiva de todos os estravios da vida, eis ahi a unica porta de pensamento e de accção que deixaram á mulher.

Ella nasceu para amar ; o seu unico papel no drama social é — amar, — a sua unica missão no mundo é — amar —. Sua vida inteira deve ser, ou um exemplo sublime, ou uma prostituição vergonhosa.

Entre estes dous typos, ergue-se o termo medio.

O da mulher que ama e desama, que lucha e que cede, que se arrepende hoje e torna a cahir amanhã, e que torna a arrepender-se.

Poderia a definição do amor conduzir-nos a um resultado moral?

Indubitavelmente. Não é calumniando o amor que chegaremos a deffender-nos de sua poderosa influencia ; pelo contrario, é no toque da pedra que se prova a pureza do metal, e que se aprende a distinguir o ouro do cobre, a prata da

liga de metaes falsos, o brilhante da agua-marinha.

Os materialistas reduzem o amor ao instincto do prazer, que serve á propagação da especie humana.

Admittir esta definição é esbulhar a alma humana do seu sentimento mais puro, mais elevado e mais nobre.

Proclamemos, pelo contrario, o amor como a seiva regeneradora que robustece a fé, que eleva nossa alma, que inspira o heroismo e a devotação nas almas as mais egoistas e endurecidas, e nos impelle ás mais heroicas resoluções e aos sacrificios mais sublimes.

O amor não é o instincto, como o instincto não é o amor.

* Puro, supremo, ideal, o amor se eleva do coração; como a emanação do aroma d'uma flor se desprende do seu calice; o perfume da flor embalsama o ar, o amor embalsama a vida.

Consola e inspira as virtudes mais sublimes.

Unico em sua essencia, reveste-se de fórmãs differentes, e toma differentes nomes; liga-nos a Deos pelo amor á hu-

manidade, e liga-nos á sociedade pelos laços da familia.

Assim, pois, todo o sentimento cuja tendencia seja desviar-nos da senda do dever, do amor da familia, e da propria estima, não será de maneira alguma o amor.

Todo amor que tenha por base o egoismo, não passará d'um instincto grosseiro, cujo appetite cego está disposto a calcar aos pés as leis severas da moral divina e da moral social.

O amor que se apraz em elevar e enobrecer o objecto amado, não pode ser confundido com o estímulo lascivo que não cura se para alcançar seus fins haverá de cravar o nome de uma mulher no cavalete da infamia.

Todo o amor verdadeiro tem por base necessaria, logica e immutavel, a abnegação. Onde não existe a abnegação, não existe o amor.

As almas credulas e devotadas que tenham presente esta verdade.

Ha diversas maneiras de sentir; porém o sentimento é unico e indivisivel em sua essencia; assim pois, não se adapta

aos temperamentos; vice-versa, é elle que os modifica, porque a materia nunca reage sobre o espirito; é o espirito que reage sobre a materia.

Estas verdades estão escriptas na nossa consciencia, e por pouco que a quizessemos escutar, ella convencer-nos-hia da verdade.

E' verdade que o vicio necessita uma mascara, o crime um vestuario brilhante, e então evoca-se tudo o que ha de nobre, de puro e de bom sobre a terra; e a despeito da consciencia, nos mascaramos atrevidamente e entramos com passo firme no templo do sophisma, cujas portas de sahida são o desengano e o arrependimento.

XVI.

Madame D' Staël diz que o amor é o romance da vida da mulher; em quanto que da vida do homem é apenas um episodio.

Desde a donzella tímida, que ama pela primeira vez com essa simplicidade encantadora da graça virginal, até a

mulher do mundo, que gasta em devaneios e amores levianos até os ultimos annos da mocidade, é o amor o alvo e o movel que dirige todas as acções da vida da mulher.

Como o prazer é o movel que dirige as acções do homem.

Isto é a pratica do mundo: não inventamos, narramos o que vimos, o que a triste experiencia de *vinte annos* de sofrimento e de estudo nos ensinou.

Na vida da mulher é, pois, o amor o agente principal; todas as feridas do seu coração foram feitas pela mão do amor.

As suas recordações, os seus remorsos, as suas faltas, as suas expiações, os seus arrependimentos, as suas lagrimas, as suas alegrias, tudo tem por base unica o amor.

O sentimento é unico indivisiavel na sua essencia, as maneiras de sentir são differentes, já o dissemos.

Ha coração de mulher que ama pela primeira vez; raro é o primeiro amor que coroa o hymeneo.

Os corações de tempera superior, amam uma vez só ; esse amor perdido,

atraçoado ou desconhecido, é o mesmo; acabou-se o romance, atravessam a vida solitarios, envolvidos no véo luctuoso da dor com os olhos fitos no céu.

Mulheres ha que, antes de chegar ao capitulo do matrimonio, amaram e desamaram com a mesma facilidade.

Umaz vezes o matrimonio é o capitulo final; outras vezes não é mais do que o fim do primeiro volume, e n'este caso a lucta preenche os primeiros capitulos do segundo tomo, as faltas os capitulos do meio, e a expiação finalisa o romance.

Como se patenteia da nossa linguagem, o nosso espirito está dominado por uma crença invariavel, a do principio eterno immutavel da justiça; por isso, quando o acaso nos põe ao alcance do estudo de alguma dessas peripécias da vida, tiramos a conclusão logica de que o fim hade ser um resultado arithmetico do principio.

Quando começámos o nosso livro, chamámos á nós os corações desanimados e doentes, as almas fracas ou descredidas, porque essas são precisa-

mente as almas que lutam, as que necessitam de consolo, de coragem e de fé.

•Consciencias timoratas, que duvidam pactuar com os seus deveres, e que desejariam uma amizade intelligente e sincera em cujo seio pudesse expandir as suas afflicções e as suas magoas.

A esse pensamento occulto, a essa necessidade secreta, nós respondemos com este livro.

Não exigimos o heroismo; queremos apenas a resignação.

Deveria ser condemnado o coração generoso que intentasse buscar nas proprias dores consolação para as alheias? Quem repetisse ao ouvido de outro coração doente — coragem! — quem buscasse as armas com que se combatem as más paixões, e ensinasse o uso d'essas armas, como o medico ensina a applicação dos remedios com que se combatem as doenças phisicas?

Julgamos que não.

XVII.

Ha deveres imprescriptiveis. O pri-

meiro de todos é a dignidade individual, o respeito a nós mesmos.

Quem se respeita á si, respeita os deveres escriptos na consciencia e os que nos ligam á sociedade.

A intelligencia d'esses deveres é importante para todas as determinações da vida; e o seu cumprimento, a consolação suprema do soffrimento.

Na vida da mulher, onde o amor é tudo, o matrimonio é o paraiso ou o inferno, a vida ou a morte, o apogeo da felicidade humana ou a condemnação a galés perpetuas.

Depois do matrimonio — a familia. E' dizer o complemento da ventura ou a compensação da desgraça.

O matrimonio, sancionado pela lei social, santificado pela Igreja, é indubitavelmente a instituição que serve de pedestal ao edificio da moral social, dignificando a mulher e creando a familia—nome tão doce que symbolisa todos os gozos mais puros e os amores mais sagrados ao coração.

Como não nos propomos a reformar abusos, nem a corrigir defeitos, como a

nossa unica ambição é soffrer com os que soffrem; não questionaremos sobre os vicios d'uma instituição, acceitámol-a sem discussão—dobradamente sagrada para nós, como instituição moral, social e Divina — neste triplice character e no centro d'este triangulo formidavel está collocada a mulher casada — venturosa ou infeliz.

Ligando seu destino a um homem, a mulher contrahe deveres perante o mundo, e o seu novo estado revela-lhe outros que são do dominio exclusivo da consciencia.

Quaes são esses deveres de que o mundo nos torna responsaveis? Estão elles de accordo com a lei natural escripta no fundo de nossa consciencia? Vejamos.

A fidelidade ao marido—quando não fosse imposta pela lei, o pudor ea honestidade a ensinariam.

A obediencia. — não é tão doce obedecer a quem se ama? Não é mesmo uma necessidade do amor que forma n'uma troca mutua de protecção e de

docilidade essa união da força e da fraqueza ?

Até aqui a sociedade e o coração estão de accordo.

A lei do mundo é terminante e sêcca — o que porem é inexaurivel é a alma da mulher que ama, porque ella vai além do mundo — as dedicações supremas, os sacrificios sublimes lhe são impostos só pela generosidade dos seus sentimentos.

E' uma triste verdade — não ha devoção, não ha virtude, não ha sacrificio que garanta a mulher contra a ingratição, a inconstancia e mesmo contra o abandono publico ou privado do marido.

Dobraremos a pagina sobre este capitulo, deixaremos de parte esta decepção a mais amarga das decepções da vida.

A humanidade é ingrata, voluvel e egoista.

XVIII.

Venturosa ou infeliz, a mulher casada diremos nós, está collocada no centro d'esse triangulo formidavel cujos angulos chamam-se:

—Deos — Dever— Família; — venturosa em sua união, ella tem no seu companheiro o apoio, o arrimo, a consolação de todos os males e provações annexas á vida. — Caminha então com passo firme, segurando-se no braço do pai de seus filhos. Deos é o seu norte. — O dever a occupação de todos os instantes de sua vida; a familia o centro de todas as suas affeições.

Infeliz no matrimonio, trava-se uma lucta terrivel no seu coração.

Ciumes abrazadores, amarguras infinitas, dias de lagrimas, noites de insomnia, supplicio de todos os instantes em que para não succumbir é preciso despedaçar o coração e arrancar vivo e palpitante o amor que se julgou abrigar por toda a vida.

Outras almas superiores, isoladas, e trahidas conservam em despeito de todos os desenganos esse amor que nem a razão nem a dor do soffrimento, poderiam arrancar... é nesses amores contrastaveis que se prova a sublimidade do sentimento, a excellencia do coração, a elevação da alma.

Quantos typos a estudar entre essa multidão de mulheres desencantadas!

Quantos sacrificios consumados no silencio da consciencia! quantas generosas resoluções!

E quantos erros lamentaveis tambem!

Ah! não tendes razão, vós outras as que desertaes de uma boa causa!

As que preferis o opprobrio ao martyrio, e as corôas irrisorias dos amores lascivos á singela aureola do martyr!

Que! na pratica dos deveres de mãe, na tranquillidade da consciencia, não achareis um consolo providencial?

Acreditaes por um segundo na castidade e na pureza do adulterio?

Acreditaes que desouvindo a razão e abafando a suceptibilidade da consciencia, renegando a Deos que vos chama por meio d'estas duas grandes vozes d'alma achareis uma felicidade impossivel?

Acreditaes que calcando aos pés os vossos deveres, sereis respeitadas pelo amante a quem entregardes a vossa honra?

Engano!

Acreditaes que cusbindo na fronte virginal d'uma filha, renegando o direito sagrado de orar sobre o berço d'um filho, obtereis em troca o amor puro e a estimação d'um homem de honra?

Desproposito!

O homem de honra que se sentir inclinado por infelicidade sua para uma mulher honesta, para uma honrada mãe de familia, acreditai-me, esse homem de bem com sacrificio seu, fugirá da mãe de familia que não quer deshonra... e se no delirio supremo d'uma paixão invencivel elle deixar escapar o seu segredo, e a mulher o aceitar, este só facto bastará para quebrar o idolo e desestimar a aquelle que deixou o seu posto elevado na ordem social, que traiçou o mais casto, o mais sublime, o mais santo de todos os amores da terra —o amor maternal.

Que respeito, que recompensa, que ventura pode esperar para o futuro, a quella que traiçou a confiança innocente de seus filhos, sobre cuja cabeças infantis, em vez do baptismo celeste de

beijos e de lagrimas, ella derrama o opprobrio e a vergonha?

E quando os labios impuros, que juram amor a outro homem, se imprimem na frente do filho, o coração da mãe permanecerá mudo e impassivel?

E se a morte ferisse um destes filhos condemnados desde o berço á infamia por uma mãe criminosa; poderia essa mulher elevar seu coração a Deos e murmurar as preces religiosas, quando ella se esbulhara a si propria do direito de orar por seus filhos?

Eis o abysmo da vergonha! antro tenebroso onde a vaidade estolida, o egoismo brutal ou a lascivia desenfreada d'alguns homens, arrasta uma desgraçada mulher, e depois de despenhal-a nelle, passa e vae buscar novas victimas, novos tropheos ou novos appetites!

Se o resultado foi a vergonha d'uma familia, ou a morte d'uma mulher, que importa?

A lei escripta no codigo penal é terminante—o roubo de dinheiro tem uma pena—o ladrão da honrà alheia pode

andar tranquillo que a sociedade, se tem um castigo, é só para sua victima.

XIX.

Tudo se encadeia na ordem mysteriosa da criação, como nos factos da vida intimima.

A senda do dever é estreita, solitaria, rude, espinhosa; um só passo fora della desvia-nos sem retorno.—

Uma vez empenhados na larga calçada do vicio, os factos encadeiam-se, naturalmente e conduzem a mulher ou o homem que a encetou, por um declive rapido ao fundo do precipicio.

Todo o conselho é baldado, toda a consolação é impossivel.

Todo o esforço supremo intentado para impedir a queda é infructuosa!

E' na porta do arrependimento que se deve esperar o peccador, quando a dôr da expiação o cravar ao pé da cruz ou no leito da agonia...

Então é que se comprehende toda a sublime poesia da religião, que consola os tristes e perdôa os culpados.

E antes d'esse dia, quantos corações despedaçados, quantas lagrimas amargas!

O instincto da propria conservação, o egoismo instinctivo do interesse que nos guia nas cousas comesinhas da vida, é o primeiro que naufraga nos interesses vitaes dos factos moraes... A mesma mulher que poupa os seus enfeites mais vistosos para apparecer com elles na rua, é a mesma que faz bom mercado de sua reputação perante o mundo, de sua consciencia perante Deos e de sua vergonha em face de seus filhos!

Que amarga contradicção!

XX

E, comtudo, os meios de salvação estão na vossa mão, existem na propria vontade.

Não ha uma só creatura que desconheça seu erro, a consciencia é inexhoravel e mesmo torturada pelo imperio funesto da degradação e do vicio, ella lança de tempos á tempos um queixume dolorido como o ai de agonia do ho-

mem condemnado a morrer no cavalete da tortura.

Deixai-me ler-vos em voz alta uma pagina solta d'esse livro do coração humano—episodio da vida do poeta e do philosopho que estuda a humanidade na pratica diurna de suas relações com as outras creaturas.—

Ao findar de 1849, achava-me em New-York hospedada com meu marido e minhas duas filhas n'um hotel ou Boarding-House de Beckman Street. Um dos paquetes de Havana trouxe de hospede igualmente a este hotel uma moça de uns vinte e oito annos de idade.

Não era mal parecida, vestia com muita elegancia e dizia que vinha diligenciar um engajamento como corista na companhia de canto que n'aquelle tempo acabava de organizar-se em New-York.

Eu via-a passar pela porta entre-aberta do meu quarto, onde estava todo o dia com os meus dous anginhos... não sei porque, a vista d'aquella creatura me contristava; não lhe achava no rosto nada que me indicasse uma mulher ho-

nesta, pelo contrario, a sua primeira aparição me revelou o que ella era.

A gente da casa comprehendeu logo quem era a nova passageira, e aquella mulher repudiada da sociedade encontrou alli o que ellas encontram em toda a parte—o desprezo e a aversão.

Eu por mim limitava-me a lamental-a.

Um dia a mulher cahio doente. Ninguem fez caso d'isso, nem os proprios donos do hotel.

Esse primeiro dia a mulher gemeu só-sinha; á noitinha uma criáda veio resmungando vêr o que ella precisava, e dizia, entre outras cousas, que uma mulher d'aquella especie era peor que cachorro, e que se devia deixar morrer.

Eu consultei a minha consciencia, e disse a meu marido: « Meu amigo, eu vou assistir a essa mulher. Ella é meu proximo, e eu não sou seu juiz » Meu marido me respondeu: « Vai, tens razão; em lugar de perder, ganhas. »

Durante oito dias que durou a doença d'aquella desgraçada, eu estive sempre á cabeceira de seu leito.

Ella chorava de reconhecimento.

Quando ficou boa, pedio-me licença para fazer-me companhia; eu lh'a concedi.

Durante seus dias de soffrimento fez-me uma confissão geral de sua vida, que eu escutei, sentindo-me enrubecer as faces e com o coração opprimido.

Aquella infeliz tinha sido uma rapariga honesta, uma virgem candida. casada muito moça, foi seduzida por outro homem que a fez fugir do lado de seu marido, e que depois a abandonou, porque é natural que o abandono siga o adulterio.

Moça, e bonita, dado o primeiro passo na senda fatal, foi descendo degráo por degráo até o inferno da prostituição mais vergonhosa!

Quantos ais doloridos deu aquella mulher! que accessos de dôr e de desesperação no meio d'aquella negra historia!

Ah, senhora! me dizia ella—quanto daria eu por ser ainda pura e honesta! Quando me lembra que fui como essas suas filhas, uma criancinha innocente

que dormia nos braços de minha mãe., e hoje!

E desatava a chorar!

Quantos conselhos eu dei a aquella infeliz, e quanto não instei com ella para que aproveitasse esses bons impulsos que sentia!

Ella tinha sahido do Brazil para New-Orleans, queria voltar ao Rio; eu sustentei-a n'essa determinação: faltaram-lhe os meios, eu dirigi-a, acompanhei-a, fil-a vender uma parte de seus enfeites e de suas joias compradas a tanto custo, e por fim vi-a pôr-se á caminho!

Eu tinha-lhe dito:—a senhora perdeu o habito do trabalho; como criada ninguem a receberá em sua casa: vá servir n'um hospital ou n'um hospicio de doudos! ali, se não se puder reabilitar perante o mundo, reabilitar-se-ha perante Deos—o mundo é o menos; Deos é *tudo*.

Passados talvez dous mezes, um dia encontrei na rua uma mulher pallida que se arrastrava á custo e em cujo rosto macillento e amarello o vicio imprimira seu distico repugnante. essa mu-

lher ergueu os braços para mim com a mesma desesperação com que os condemnados devem erguer os seus para Deos, gritando—misericordia!.. Essa sombra horrivel era a minha protegida de New-York!

Eu já sabia que longe de seguir os meus conselhos, tinha proseguido sua antiga vida, e então se cumpria a predição que eu lhe fizera em 1848.

Ella ergueo os braços para mim, no meio da rua, e eu passei fugindo della com horror. . eu não sou Jesus, sou apenas uma pobre mulher.

Por ventura não lhe tinha eu dado o que todos nós devemos no mundo, a protecção mutua? o exemplo e o conselho?

Não lhe tinha dito:—não ha culpa que se não lave, não ha mal que se não possa reparar diante de Deos?

Se parar no seu caminho, algum dia terá a recompensa; se proseguir como até aqui, irá morrer no leito d'um hospital, perdido o corpo e perdida a alma; e terá perdido o direito á commiseração dos bons, assim como a sua tenacidade

lhe fechará a porta do arrependimento, unico refugio do peccador.

Tudo foi inutil... depois do dia em que a encontrei, tenho-a visto de longe. Haverá cousa d'um mez desapareceu completamente: estará no hospital? terá morrido já?

Eis o que ignoro.

Ah! o resultado é logico; a verdade é uma, a justiça é immutavel!

Os erros alheios não autorizam os proprios.

Transgredindo as leis do dever, o primeiro castigo é a nossa vergonha.

O resultado logico é uma expiação infallivel.

XXI.

Dissemos no principio d'este livro que a vontade era o instrumento irresistivel da conquista do bem, como da conquista do mal.

Na organização maravilhosa d'alma humana, o vicio serve para provar a virtude, a virtude não existiria sem a contraposição do vicio, são os dous elementos contrarios cuja noção nos sub-

ministra a consciencia por meio da razão que nos dá conta de todos os phenomenos da alma, que os estuda, os julga e os classifica.

Nós sentimos, conhecemos e sabemos que o mal é o mal, e que o bem é o bem; a consciencia dá a medida do justo e do injusto, e a nossa vontade é quem decide. Se a liberdade de acção não existisse: onde estaria o merito do sacrificio e o opprobrio da queda?

Se admittissemos a intervenção d'um poder fatal invisivel que nos impellisse ao mal, arrastando a vontade contra os conselhos da razão e contra os protestos da consciencia: que seria então do principio eterno e invariavel da Justiça?

Que seria Deos?

Não, o homem é livre. Se cede ao impulso funesto das paixões, ninguem, senão elle proprio, é solidario de suas acções. A' consummação do facto antecedeu a formação da culpa, reconheceu a injustiça, sua razão oppor-se, sua consciencia protestou, a vontade deliberou, decidio e executou.

Se, pelo contrario, o triumpho é o re-

sultado da lucta, todo o louvor é da vontade que teve força para vencer o mal é sacrificar um affecto criminoso ou um máo pensamento.

Circumstancias ha, que parecem autorisar um máo proceder. E' simplesmente um effeito de optica.

Se não ha circumstancia alguma que justifique o suicidio do corpo: porque admittiriamos a justificação do suicidio da honra, do dever e da vergonha?

Porque as alheias culpas serviriam a autorisar as proprias?

Os deveres não são relativos, como as outras cousas deste mundo; o dever está escripto no coração, e não ha forças humanas que possam relevar-nos do seu cumprimento.

A liberdade de acção não constitue de modo algum o direito de transgredir a lei social, nem a lei divina.

Não existe outra compensação secreta dos males da vida, a não ser a consciencia de os não ter merecido, a serenidade do justo, e a confiança de si mesmo.

As infamias praticadas ás escondidas

do mundo, não são compensações, são simplesmente infâmias, que nem se occultam inteiramente aos olhos do mundo, nem se desculpam aos olhos de Deos.

XXII.

Todos os conselhos e todas as demonstrações não saberiam garantir um coração fraco e acostumado a transigir comsigo mesmo.

Sem a crença de Deos, sem o sentimento religioso, sem o respeito de si mesmo: que valem palavras, embora traduzam ellas quanto o pensamento tem de mais sublime, quanto a moral tem de mais puro, quanto o coração tem de mais terno?

O sophisma triumpho — a razão cala, o dever succumbe — botá-se o anjo do bem pela porta da rua, e reclina-se a cabeça no seio do anjo do mal, em quanto Satanaz desata a rir ás gargalhadas, e bate as palmas da victoria!

Pobre humanidade!

Pobre poeta! viajante solitario, perdido na turba-mulda dos homens! tua

canção se perderá entre o tumulto das paixões desencadeadas!

Pobre philosopho! apostolo desconhecido da sciencia, escrevendo na solidão de tuas noites as paginas onde o teu genio se revela, e que talvez ninguem lerá!

Tu lutarás contra o mal que queres desviar dos teus irmãos, buscarás na tua mente a construcção de systemas scientificos que te consummirão a metade da vida... e morrerás pobre e orphão como viveste... calumniado talvez, julgado pelo primeiro fatuo que decidirá do teu assiduo trabalho com uma palavra sem sentido, dessas que lança o pó dourado do charlatanismo aos olhos do mundo!

XXIII.

Porque desconhecer os thesouros que a bondade divida nos accumulou no coração?..

A intelligencia, a caridade, a sensibilidade não são as armas poderosas com que combate na batalha da vida quem se quer servir d'ellas?

Oh! embora martyres, abramos o coração sem receio á essas doces impressões que excitam todos os nobres instinctos e symbolisam quanto ha de puro e de bello sobre a terra!

O estoicismo mata a sensibilidade; o egoismo abafa o doce pranto da caridade, e a intelligencia torna-se inutil como essas arvores mirradas, que não dão fructos porque a seiva da intelligencia é essa caridosa sensibilidade com que se partilham os alheios males.

O soffrimento moral tem uma razão providencial; respeitemol-a!

Levemos aos pés do Altissimo a offrenda poderosa de pranto e de resignação que um dia nos será retribuida com largueza pela mão d'aquelle que, segundo Jesus-Christo, conta um por um os cabellos de nossa cabeça!

Na eschola da adversidade prova-se a paciencia e a virtude; a dor prova a tempera do coração, e como um fogo sagrado consome todo o pensamento impuro e mesquinho.

A dor que despedaça a alma, acende essa inspiração febricitante que arran-

cou notas divinas a Beethoven, cantos immortaes ao Tasso, gemidos dolorosos a Byron!

Que drama horrivel e gigantesco se passaria n'alma de Dante, primeiro que elle escrevesse a Divina Comedia?

Pode, quem nunca sentio o coração despedaçado, dizer tudo o que contém de amargura e de pranto essas concepções do pensamento á que se chama — pintura, esculptura, musica, e poesia?

E' possivel que esses espiritos inspirados, que dominam a humanidade e leem com espantosa lucidez n'esse livro confuso á que se chama coração humano, não tenham tido por mestre a decepção, o soffrimento, a ingratição?

Serão elles por ventura outra cousa, que narradores mais ou menos exactos, encarregados de descrever seu proprio pensamento e seu proprio coração?

Indubitavelmente — sim.

XXIV.

Ha duas especies de luctas no coração:
— a lucta do dever e a lucta da dor. —

Na primeira, temos por adversarios a razão e a consciencia—na segunda a fragilidade e a ternura do coração.

Face á face com a evidencia d'uma ingratição, ainda mesmo que a resignação acuda, não é ás vezes bastante para acalmar as primeiras convulsões da dor.

A acção lenta do tempo é a unica que gasta essas torturas, desbota essas memorias e cicatriza essas feridas!

Entretanto, nesses dias amargos, nublados e tristonhos, evoquemos a Deos no fundo do coração, peçamos com toda a força da vontade um consolo e que o allivio serene a febre do martyrio.

Esperemos, que a nossa esperanza se realisará por que ha leis invariaveis que governam a humanidade, leis infalíveis que a acção lenta do tempo desenvolve e que basta esperar com fé para vel-as cumprir-se.

A crise passa, o pranto se enxuga, a dôr enfraquece e o coração abalado violentamente torna a pouco e pouco ao seu estado normal.

As vezes a dôr deve medir-se em razão da força de resistencia: por que re-

voltarmo-nos contra esses corações fracos e ternos que succumbem e se torcem nas angustias do pezar?

Oh! indulgencia, compaixão, misericórdia para essas pobres almas! Coragem e resignação para esses corações doloridos!

XXV.

Existem pois compensações fóra do *eu* mysterioso. ha nas lagrimas de *sympathia* que um coração estranho dedica ás nossas dores e ás nossas desventuras uma recompensa immaterial, porém que consola e fortifica!

Ha almas de marmore... corações de aço polido, incapazes d'um bom movimento d'uma devotação de amizade! E se fordes desgraçado e afflicto na angustia dos paroxismos da dôr pedir-lhes um consolo e uma lagrima, receber-vos-hão com os olhos enxutos e os braços cruzados. pelo contrario, outras vezes o acaso voz traz a um circulo de pessoas que nunca vistes, que vos são completamente estranhas... falla-se da vida, do soffrimento, da desgraça; como quasi

sempre acontece, quando se intenta dar um consolo, o coração dolorido dá um gemido longo e palpitante que, como uma nota tenuta, vibra um som melancólico, e traduz o sentimento da propria desventura com essa eloquencia singela da verdade.

E' um nobre coração aquelle que nutre o remorso constante de sua degradação, e que faz publica expiação mostrando-se ao mundo na nudez de sua falta...

Cada um julga que a propria dôr é a maior; cada um julga ter tocado a méta dos soffrimentos humanos... no entanto basta volver os olhos para encarar um quadro mais lugubre, uma lucta mais encarniçada!..

Sabeis acaso o que seja essa batalha renhida d'um espirito elevado, de uma alma nobre, contra o positivismo da vida?

Sabeis o que seja essa lucta longa e terrivel da miseria e das privações? Sabeis o que seja acceitar só para si todos os incommodos do estricto necessario para

deixar á familia a maior porção de bem estar e de alimento?

Sentir na mente o instincto do bello e do edeal, sentir n'alma essa inquietação vaga, essa attracção irresistivel da vida do pensamento, da existencia febricitante da vida da intelligencia, e sentir-se ao mesmo tempo presa ao materialismo d'uma miseria lenta que vos encadeia a todos os detalhes mais mesquinhos e positivos do materialismo... É só, sem um apoio, sem uma amiga, sem um consolo, luctar todos os dias, todas as horas, murmurando no segredo de seu coração. « Meu Deos! paciencial meu Deos, coragem! meu Deos, resignação! »

E' tão doce receber como recompensa d'essa lugubre revelação d'um mal incuravel, as lagrimas espontaneas que soubestes arrancar a um estranho!

Obrigada, senhora, por esse nobre impulso do vosso coração... obrigada por esse abraço convulsivo que me destes como darieis a uma irmã... obrigada por essas lagrimas.,, ellas fizeram-me um bem, que Deos vos hade levar

em conta!. Se algum dia este pobre livro for publicado e se o lérdes, acceitae estas linhas que vos foram consagradas—uma alma tão intelligente e tão sympathica ao infortunio é uma nobre alma, Senhora.— Orai, Deos hade ouvir-vos.

XXVI.

A nossa tarefa vai finalizar.

Teremos conseguido fazer comprehender aos corações descridos que o amor de Deos é o lenitivo de todos os trabalhos, a esperança e a consolação de todos os males?

Teremos conseguido robustecer a coragem dos que luctam contra o mal e sentem vacilar a sua fé?

Teremos conseguido inspirar o desejo e a resolução de reparar uma falta, na consciencia perturbada d'aquelles que n'um momento de desespero, cuidando minorar o soffrimento, accumulam sobre suas magoas e suas tristezas o remorso e a vergonha da infamia?

Conseguirá a leitura d'estas paginas

pacificar, e consolar algum coração doente?

Ignorado ou recebido com applauso este livro não será completamente inutil: deixai-me abrigar como recompensa do meu trabalho essa doce persuasão.

Se n'uma alma tão desencantada das glórias d'este mundo, como a minha, pudesse ainda existir algum assomo de ambição, essa ambição seria a das sympathias ignoradas, que a leitura d'estas paginas faria nascer em corações estranhos de pessoas que soffrem e que nunca me viram, que não me conhecem.

Consolação do que me tem feito supportar aquelles a quem tenho offerecido n'este mundo as flores de minh'alma, e que nunca tiveram senão ingratidão a dar-me em troca. Deos lhes perdôe como eu o faço, a fronte alta, a mão sobre o coração, perante Deos e perante o mundo.

Elles conseguiram despedaçar-me o coração; porem não puderam aviltar-me.

Desherdaram-me d'uma porção dos bens d'este mundo, não puderam tirar-me a coragem de conservar-me pura e

de lutar no infortunio contra as dores moraes e contra os conflictos da miseria.

E não vos pareça extraordinaria essa coragem; longe de a julgar maravilhosa, considerai-a como a cousa mais facil, mais simples e mais accessivel d'este mundo.

Não exagereis a dôr, comparai-a sempre com a dôr alheia, e achareis que o vosso lote é o mais pequeno.

Comparai o soffrimento da virtude com o opprobrio da infamia, e dareis graças a Deos do fundo de vossa consciencia, por ter-vos dado a preferencia, e vossa cruz hade parecer-vos pequena.

Diminui os vossos desejos e achareis que ainda sois bastante ricos—porque vivendo com o estrictamente necessario, tudo hade sobejar-vos.

Este proceder é facil, depende d'uma boa resolução—nada mais.

XXVII.

O esquecimento é uma cobardia, dice Victor Hugo. O estoicismo não é a re-

signação, vos digo eu; assim como a audacia não é a coragem.

Se o estoicismo é o antidoto da sensibilidade, é também uma cobardia, longe de ser uma força que robusteça o coração. O estoicismo é a couraça do egoísta. A coragem desafia a dôr e supporta nobremente a lucta com a desgraça.

Coragem! onde encontrar-te! virtude divina remontaste ao céu.

Deos pôde revelar nos corações dos homens que soffrem o que é essa virtude que emmudece o gemido prompto a escapar dos nossos labios... que faz retroceder o pranto das palpebras, prompto a gotejar, sobre o coração que o recebe dolorido, mas sereno no meio do seu martyrio.

Coragem! tu não és a audacia.

Nobres sentimentos, que a mão omnipotente collocou no coração humano, que horrivel traducção vos dá a linguagem das paixões!

A coragem pára ante a voz da consciencia, despedaça o proprio coração, cala e affasta-se. A coragem é o sacrificio.

A audacia calca a consciencia aos pés, não repara nos meios de que se serve para alcançar seus fins. A audacia é a irmã do crime.

Riscaí do vosso dicionario philosophico estas palavras — estoicismo, impassibilidade, e audacia.

Escrevei em seu lugar:

Sensibilidade, resignação e coragem.

Vêde quanta differença ha no sentido moral d'essa meia duzia de palavras.

O bom senso moral é um livro escripto pela experiencia do coração humano e pelo resultado logico que subministra o estudo dos factos.

O que é essa multidão de ríões e de proverbios, que andam na bocca do povo? Por pouco que se tenha um conhecimento do mundo, por pouco que se tenha o habito da reflexão, reconhece-se que foi a experiencia quem escreveo no decurso dos séculos esses anexins que repetem até as crianças sem saber o que dizem.

Todos, ou a maior parte delles, encerram um preceito moral incontestavel

e singelo como a verdade, incontrastavel como a justiça.

Se quizessemos seguir o seu preceito, evitaríamos muitos males, emendaríamos muitos erros e conseguiríamos lutar com vantagem contra o mundo e contra nós mesmos.

E vêde como a bondade divina até n'isso se patenteia! Não bastam os elementos de virtude e de justiça contidos em germen no nosso coração, ha mil vozes que respondem a esses sentimentos confusos do arcano da consciencia, e que são os écos poderosos da lei immutavel da justiça eterna.

Porque todas as noções do bem contidas n'alma humana, seriam inuteis se a intelligencia as não definisse. estudasse, e consagrasse claras, distinctas, e palpaveis até n'essa simples philosophia do povo, que é a pratica usual da vida e que constitue o bom senso moral.

XXVIII.

Pobre coração ferido, doente, acobrunhado; prostrado de lutar e de sof-

frer, indifferente ás consolações d'ami-
zade, encerrado na propria dôr, surdo
mesmo á voz da natureza, perdido na
noite da desesperação, sem outra espe-
rança que a morte, sem outro desejo
que não seja encerrar-se ua tumba, dor-
mir no seio da terra!

Infeliz! E se a morte não fosse essa
extinção completa do teu ser, como tu
pensas? E se ella não fosse senão o ani-
quillamento physico do corpo, e que
tua alma houvesse de continuar a soffrer
mais horriavelmente que nunca? O que
farias, pobre coração dolorido?

Não tentarias um esforço supremo
para sacudir as cadeias que te prendem
ao mal?

A obstinação, semelhante á loucura,
obscurece a razão!

O naufragio é imminente.

E' na força das paixões, na época das
crises moraes que se encontra este es-
tado febricitante, de excitação nervosa
que, como essas molestias complicadas
em que se esgota a sciencia, desafiam os
esforços da philosophia, os da religião
e os da razão.

Dotada d'uma triste penetração tenho encontrado mais de um exemplo funesto d'este genero, e tenho orado sobre mais de uma tumba que encerrou um mysterio semelhante...

Achareis n'isto um dado que prove a fatalidade?

Não! ha uma razão providencial que permite, como já o dissemos, a perda de uns, para ensino dos outros.

Além de que, é raro, muito raro, quando nos paroxismos da morte a alma e o pensamento não se voltam a Deos com todas as lagrimas do arrependimento e de uma expiação salutar.

Vêde n'este esboço, infelizmente tão verdadeiro, um novo dever imposto pela fraternidade aos corações rectos, ás almas compassivas: sabeis qual elle seja?

Abençoar as nossas dôres, se podemos offerecer uma parte d'ellas em resgate da obsecção de certas almas nas quaes a paixão dominou até a liberdade, que se vacillarão, foi para cahir, se cahiram foi para se não tornarem a erguer.

Evitemos esse exemplo funesto, como

evitamos a vista da demencia furiosa, como evitamos a vista do leproso.

A obstinação é a demencia que se não confessa. — A prostituição é a lepra da alma.

A degradação d'alma é mil vezes mais de lamentar, do que a lepra do corpo.

Evitemos, quanto estiver em nossa mão, essa desgraça irreparavel; porém, não amaldiçoemos os que tiveram a infelicidade de cahir.

E' pelos máos que se deve pedir a Deos de preferencia.

A nossa divisa seja: « Severos com as nossas faltas — indulgentes com as alheias. »

XXIX.

Fazer o bem pelo bem — sem outra recompensa que o amor sublime da virtude, sem outra aspiração que não querer manchar a alma que recebemos de Deos — é um heroismo que não se pode exigir de todas as almas.

A paixão é as vezes superior á razão; conhece-se o mal e não ha força com bue dominal-o ou affastal-o; é nesses

casos que o sentimento religioso é o unico capaz de vencer a obstinação do erro ou o embrutecimento do vicio.

A crença da bondade divina, a crença da immortalidade d'alma dar-nos-hia forças comque supportar as provações da vida, convencidos de que existe uma recompensa além da vida material, mas que essa recompensa é o salario do trabalho que nos coube em partilha, e que é necessario preencher em toda a sua extensão para merecel-a.

Ainda mesmo quando todas as dôres fossem para os bons, e todos os prazeres para os máos, diz Julio Simon, nem por isso deveriamos esmorecer.

A nossa confiança nas leis providenciaes deve ser illimitada — A nossa crença em Deos deve fazer parte de nós mesmos, a nossa fé da vida futura deve ser incontrastavel — A ideia plena de liberdade de accção deve dar-nos a certeza que neste, como no outro mundo nosso destino é obra nossa. —

A lucta tem por horisonte a recompensa. — A queda é o abysmo da ver-

gonha perante o mundo, e perante Deos
é talvez a expiação eternal

XXX.

Entre o philosopho que raciocina e o coração que sente e soffre, ha a differença do medico e do doente.

O mundo da razão, e o dominio tragico das paixões.

A razão estuda e discute — A paixão não raciocina, soffre.

O philosopho faz a anatomia do coração com o escalpello da sciencia; os romancistas, os poetas, os dramaturgos, que são senão medicos da humanidade, cuja mão certa percorre a clave do coração e faz vibrar á vontade todas as cordas nelle estendidas?

Lêde um tratado de philosophia — achareis ali a explicação das vossas proprias sensações, definição dos phenomenos que sentis. —

Percorrei as paginas d'um romance, haveis de achar mais de uma analogia com os vossos sentimentos e com os factos de vossa vida intima — O ro-

mance é a historia philosophica e analytica das paixões. —

O Drama é a vida em acção; ali haveis de achar tambem esboços mais ou menos semelhantes ás vossas proprias impressões.

A Poesia! não se define o que é indefinivel — A Poesia não se explica — sente-se.

A Poesia é o mytho do coração e do pensamento. —

E' a musica arcana, cujas notas se elevam nos ambitos do firmamento, nas estrellas, no luar — nas montanhas — nos valles, nos mares — nas flores, na folhagem, nas tintas da vegetação, em toda a natureza, em nossa alma notas que se elevam da criação, como um hymno gigantesco e profundo que canta a natureza e o homem ao supremo creador.

E essa reproducção multiplice do sentimento, como essa natureza tão bella e grandiosa, não são por ventura consolações supremas que estão ali ao alcance das almas doentes ou descredidas?

Quando concentrados em nós mes-

mos, por doentes e tristes que estejamos, lançamos um olhar ao horisonte de um d'esses dias serenos, claros e limpidos, não sentimos por ventura um sentimento ineffavel como se a calma da natureza se communicasse á nossa alma, como se esse véo azulado da noite, que invade a natureza, nos envolvesse em suas largas pregas e nos adormecesse o coração com o somno magnetico com que o magnetizador subtrahе o doente ao soffrimento physico. Tregua benefica de repouso e de quietação no meio da lucta febricitante das paixões!

A doutrina da moral é inflexivel. O coração do christão é todo amor, todo misericordia.

A lei ergue seu perfil severo, sua fronte de bronze, estatua colossal que domina as sociedades.

A caridade humilde e singela, vai como uma mãe indulgente, buscar o filho em penitencia para o beijar e acariciar.

Não queremos admittir a fatalidade como motor essencial da tragedia humana.

A liberdade completa de acção de pensamento e de sentir é nossa divisa; porque tornando o homem solidario de suas acções, firmamos o principio do bem e do mal, do vicio e da virtude, da justiça eterna que marca a recompensa ou o castigo.

Mas estamos longe de querer acabrunhar os corações fracos, os espiritos estreitos.

Não.

Dédalo inextricavel, labyrintho confuso é o jogo d'esta vida; para que não houvesse de perdoar-se alguma cousa, para que se não levasse em conta a inexperiencia, a fragilidade, a compaixão que faz esquecer o dever, o infortunio e o isolamento que predispõe o coração á ternura; a ambição d'um amor immenso que domina algumas almas.

Meu Deos! tuas vistas são impenetraveis, tuas leis arcanos impalpaveis e incomprehensiveis.

Os martyrios intimos de cada creatura attingem a um fim: qual será elle? Ah! o berço, a vida, a tumba, que são senão os segredos de Deos!

Respeitemos a sua Sabedoria Infinita, enxuguemos as lagrimas alheias, e oremos a Deus do fundo do nosso coração.

XXXI.

Eis-me chegada á ultima pagina do meu livro. Foi um amigo invisivel em cujo seio derramei as minhas dores, e elle irá pela sua vez repercutir como um echo longinquo no coração de outras mais infelizes do que que eu sou.

Meu pobre livro, ao transpores o limiar do arcano que te envolveu até hoje, vejo-te partir como a um filho que sahe da casa paterna para não tornar a reaparecer no lar da familia.

O que pensará o mundo de ti?

Como te acolherá a critica? como te acolherão os que como o Paulo Gandin dos Parisienses, á falta de talento e de creações, cospem sem misericordia sobre as obras alheias!

Eh! que me importa?

E' este um livro religioso? philosophico? E' uma poesia sem rima?

Eu menos que ninguem poderia di-

zel-o. — E' um estudo dos soffrimentos do coração humano — E' a moral que aconselha o dever á resignação e á paciencia.

Chegada a essa época da vida em que a razão domina os sentimentos, em que o prisma da mocidade toma as cores tristonhas do crepusculo, este livro antes de tudo é o desabafo d'uma alma ferida em suas affeições, como em suas erenças; em suas esperanças, como em seu orgulho.—E' o livro do soffrimento resignado que se consola com a idéa de Deos, que procura exaltar o sentimento religioso para fazer face ás ultimasscenas da batalha e sarar as feridas nella recebidas.

Que pensará o mundo d'este livro escripto por uma actriz?

Por uma comica?

Tristes anomaliasas que se encontram nos acontecimentos imprevidos d'este mundo por onde caminhamos ás apalpadellas.

Felizmente a excommunhão foi levantada — e despida das vestes theatraes; ainda sou uma mãe de familia que não

perdi o direito de elevar a voz desde o recanto escuro e solitario aonde a desgraça me collocou.

Vai, pois, meu pobre livro, vai sem receio; tu não tens outra ambição mais do que sarar doentes e consolar afflictos.

Ainda mesmo, quando o sarcasmo te acolhesse, tu acharias sympathias que te receberiam como a um amigo intelligente, como a um conselheiro desinteressado, que falla do bem, pelo amor do bem, á quem a rectidão do seu pensar dá força para fallar a linguagem austera da verdade, e a quem seu amor pela humanidade dá talvez eloquencia para consolar.

Perdida na multidão: que authoridade evocar a não ser a das proprias leis que Deos escreveu no nosso coração?

A mesma posição social, longe de ser uma garantia, está em opposição com o sentido d'este livro. A posição de escriptora eu não pude defendel-a do infortunio; era a miseria para mim e para os meus — desertei, e fui pedir o pão da minha familia á uma arte que me offerencia outras garantias.

Porèm ainda sou a mesma mulher de 52. — A mesma que fui sempre.

Acceitai pois meu pobre livro — corações doentes ou descridos — acceitai-o como o tributo que deve á humanidade uma intelligencia clara e uma alma justa.

Pudesse a minha voz retinir no fundo de todas as consciencias; pudessem as minhas palavras fazer reviver o espirito puro e sublime do christianismo; pudesse patentear a todos os olhos que o coração que se abre á caridade e á religião cesse de padecer essas angustias febricitantes dos que seguem cegos a paixão percorrendo a vereda do desvario, como o cavallo desenfreado que atropella e se despenha no precipicio!

Se eu sinto como sinto, se penso como penso, e se tenho a força de lancar ao mundo as paginas de minha alma, certo que obedeco á uma inspiração de Deos; certo que ha uma *razão Providencial* que a mim, pobre actriz obscura, pobre mulher sem autoridade social me pôz a penna na mão e me disse — escreve.

Meu Deus! se é isto verdade, meu livro não será inútil e eu terei a doce satisfação de t'o offerecer, como uma obra meritoria, que me relevará d'algumas faltas involuntarias; porque até onde minha vontade pode lutar, lutará sempre, em pról do bem, e se alguma vez ficar vencida, terás piedade de mim, Senhor, como tens piedade dos que sofrem e dos que peccam, cedendo á fragilidade humana; porém promptos sempre a reconhecer o seu erro, a expial-o pela reparação e pelo arrependimento!

A nobreza moral não está ao alcance de ninguem destruil-a, ou aviltal-a, e é esta uma suprema consolação; marchar na vida com a frente alta, possuido do sentimento da propria dignidade e disposto a estender sobre as faltas alheias esse véo de indulgencia e de olvido que a virtude e a caridade de bom grado dispensam a um irmão.

Desprezar os germens generosos que derramaste n'alma humana, meu Deus é a mais triste das aberrações do espirito!

Na noite do exilio, e da proscipção,

na cruz do martyrio e da agonia, á beira do tumulto que nos arrebatou um ser que idolatravamos, face á face com a ingratição, a injustiça e a traição, no ultimo degráo da miseria e da desesperação, basta volver os olhos para essa claridade mysteriosa que brilha no horisonte da Eternidade, como a lampada sagrada ante a imagem venerada do altar, basta volver os olhos a ti, Deos de misericordia e de perdão ! basta evocar-te no fundo do coração magoado e afflicto para ver surgir das trevas funestas da borrasca humana os raios serenos da luz do teu amor interpretado pela Fé, pela Esperança e pela Caridade ! Simbolo sublime do amor de Deos e de todas as virtudes !

A Fé.

Symbolo da crença e da Providencia — forças moraes que constituem a Fé — de que maneira vigorisas tu a alma humana que a preparas e sustentas na sua lucta dos seculos ? Que mão te acendeo no pensamento da humanidade, que

nem o exilio, nem a prisão, nem as torturas, nem a morte ignominiosa puderam torcer-te, ou aniquillar-te?

As idéas que germinam nas almas generosas, e que vão atravessando os seculos, conduzindo a humanidade, de geração em geração, ao progresso e á liberdade são a demonstração mais evidente que a Fé é a vida da intelligencia e do coração; sem ella o mundo seria o cahos.

As sciencias, as artes não existiriam, porque é necessario uma fé muito robusta, uma fé sem limites, para acceitar a dolorosa missão do martyrio.

Desde o começo do mundo, dous principios se disputaram o dominio do homem e o dominio das sociedades.

Chamai a esses principios, o bem e o mal — chamai-os a Fatalidade e a Liberdade, — a lei e o despotismo. Chamai-os como quizerdes; a tenacidade impellirá sempre o mal, a fé sustentará sempre o bem.

As grandes luctas do pensamento que outra força invisivel que não fosse a fé, podia sustental-as?

As grandes acções, como as grandes resoluções, tem por origem a fé. As empresas colossaes tiveram sempre por sustentaculo — a fé.

Tirai ao homem essa virtude tão necessaria e dizei-me depois o que será do seu porvir e do seu presente.

Que força animará o seu pensamento, que mão invisivel o sustentará nas luctas de cada dia com o mundo e com os outros homens?

Todos os amores da terra necessitam da fé; e sem a fé da Providencia e da immortalidade a vida seria insupportavel.

Nos corações menos crentes, no proprio coração do athéo, lá vem uma hora de fé que illumina a noite tenebrosa do desalento e da incredulidade.

A Fé instinctiva na infancia — é o facho brilhante da mocidade, é o sol resplendente que aquece o pensamento na idade viril, é a estrella serena da velhice que bate á porta do tumulo deixando atraz de si — a infancia risonha, a mocidade turbulenta e a virilidade pensadora.

Esperança.

A Esperança dimanada da Fé — E' o apanagio dos corações fortes, é o consolo das almas angustiadas; é necessaria á vida que sem uma promessa futura, tornar-se-hia uma lucta horrivel contra a desesperação.

Sem a esperança, a vida seria uma noite tenebrosa, seria um inferno de expiação e de tortura.

Admittindo ainda, que ella não passasse d'uma illusão: deveríamos por ventura esbulhar-nos da sua benefica, innocente influencia?

Deveríamos condemnar-nos ao cahos da duvida, ao cilicio do scepticismo que mirra o espirito e disseca o coração?

Partamos d'um principio eterno e immutavel o qual é: que as grandes verdades, as grandes idéas atravessaram os seculos nas azas da Fé, que sustentou a lucta da borrasca, conduzidas pela Esperança, que nunca descrê de Deos, e dos instinctos generosos da humanidade.

Da humanidade! que não é retrograda que marcha a um fim, que tem um des-

tino, que se ha de cumprir no decorrer dos seculos, segundo as leis incontrastaveis do Progresso que regem o mundo.

Ainda mesmo desherdados de todos os bens da fortuna, de todos os gozos da familia, de todos os sorrisos do amor, de todas as consolações d'amizade: porque renegariamos a esperanza?

A esperanza que nos falla de Deos, que nos consola na desgraça e que nos fortifica nas provações do infortunio!

Oh! não, fada benefica que mesmo ás portas da Eternidade sorris meiga e consoladora ao moribundo, renegar-te é suicidar a alma e cahir no abysmo sem fundo da desesperação!

Companheira solitaria do coração repudiado; que estranha calma infundes nelle, que o sustenta no dia da ingratição e o consola na noute do abandono!

Humanidade! humanidade! porque manchas a tua liberdade; porque preferes o erro á verdade, o vicio á virtude; porque te esbulhas a ti mesma, cega que tu és! dos dotes sublimes que o amor sem limites do creador, te doou para luctar e para vencer?

Oh! Esperança, ultima tábua do naufragio da vida! leva-me ás praias da Eternidade, raio sereno e mysterioso! illumina as trevas do meu caminho, conduz me minha alma aos ambitos da luz e da Immortalidade!

Charidade.

Que doçura incfavell! Que ensino supremo está contido nesta unica palavra — Caridade!

Tu visitas o doente prostrado no leito do soffrimento; tu encaras meiga e consoladora todas essas chagas cancerosas que torturam o corpo; tu enxugas as lagrimas do orfão, resas ao pé do moribundo e extends a dextra ao criminoso.

A coroa da fé na frente, o baculo da esperança na mão, teu coração é da humanidade!

Tu não julgas, perdoas!

Não accusas, consolas.

Das lagrimas do infortunio e do pão do teu sustento fazes iguaes partilhas e uma troca reciproca.

Dás metade do teu pão, recebes metade das alheias lagrimas.

Tudo é igual diante de ti, espirito sublime, Caridade! a tua mão sempre meiga, se estende indifferente ao desgraçado e ao peccador que se arrepende, como ao que está endurecido no crime.

Simple na tua grandeza, tu não esperas que te chamem; tu appareces onde és necessaria, ó mensageira da Providencial!

Caridade, tu perdôas as offensas e dissimulas as fragilidades!

Perdoar!

Virtude sublime, sentença suprema, com que Jesus ligou a humanidade ao principio eterno da justiça.

« Senhor, perdoa as minhas faltas logo que eutiver perdoado as dos meus inimigos. »

Logicos do sceptismo: que respondeis a isto?

Quem perdoou será perdoado; quem se vingou, será julgado como julgou!

A misericordia de Deos está patente em toda a sua infinita grandeza e magestadel

Todos os seus preceitos tendem a melhorar, a ennobrecer a humanidade; todos lhe fallam com uma eloquencia mathematica da vida futura e da recompensar de uma outra vida.

Caridade, raio divino do amor infinito do Altissimo! serenando o coração afflicto, tu nos dás a paz na terra e a ventura eterna no céu!

Que bella missão a de enxugar o pranto do infortunio, a de soccorrer a miseria, a de consolar a afflicção!

Se esses corações torturados pela necessidade d'um amor immenso se devotassem ao amor de Deos, symbolisado no amor puro, desinteressado, sublime da humanidade; se fizessem da Caridade o sonho de sua vida dolorida e desolada, elles sentiriam um doce allivio.

Oh Caridade, que consolas! Caridade que ensinas o perdão das injurias: quando tudo na criação não nos fallasse de Deos, nos fallarias tu, porque nem o proprio cynismo pode negar a tua origem Divina e a tua missão sublime sobre a terra!

② FINE. ②

EMP. TYP.—DOUS DE DEZEMBRO—1856.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).